

QUANDO O PALCO É PARTE DA REALIDADE O SOCIODRAMA NA FORMAÇÃO DOS EDUCADORES SOCIAIS.

ANTÓNIO MIRANDA

antoniosamiranda@hotmail.com

JOANA OLIVEIRA

joana.oliveira.18@hotmail.com

Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto

Resumo

A dimensão pessoal na formação do Educador Social assume-se como crucial ao influenciar a forma como este lê e analisa a realidade social e, consequentemente, a intervenção que desenvolve. Neste sentido, a metodologia sociodramática pode desempenhar um papel de grande importância ao permitir que este profissional desenvolva o conhecimento acerca de si próprio, a consciencialização dos fenómenos afetivos e grupais bem como a espontaneidade e criatividade, decisivas para uma intervenção capaz de responder aos grandes desafios que enfrenta diariamente. Partindo dos diários de bordo de Educadores Sociais em formação são aqui discutidas as mais-valias desta metodologia na sua formação.

Palavras-chave:

Educação, intervenção, sociodrama, grupo.

Abstract

The personal dimension in the Social Educator formation is assumed as crucial, since it influences the way that one reads and analyses the social reality, and therefore the intervention that is developed. To this end, the sociodramatic methodology may play a major role by allowing that this professional may develop the knowledge about himself, the awareness from the affection phenomenon and groups as well as spontaneity and creativity, critical for an intervention that is able to respond to the great challenges wich he faces daily. Starting from the logbooks of the Social Educators in training, the valuable assets from this methodology in its formation are here discussed the valuable assets from this methodology in its formation.

Keywords:

Education, intervencion, sociodrama, group.

INTRODUÇÃO

O perfil do Educador Social depende não só dos conhecimentos, gerais ou específicos, da metodologia de intervenção elegida, dos métodos e técnicas de intervenção social por ele usadas mas também, em grande parte, da sua dimensão pessoal e social (Timóteo, 2010). Existem determinadas características e competências que este profissional deve desenvolver tornando a sua prática mais comprometida e transformadora, designadamente a reflexão e o questionamento críticos, a empatia, a escuta ativa, o diálogo, a negociação, entre outras. Assim, torna-se importante que a formação inicial deste profissional tenha em linha de conta não só a construção de conhecimento teórico e prático, mas também o auto e heteroconhecimento, bem como o desenvolvimento das características e competências que acabamos de referir.

O ser humano nasce e desenvolve-se na interação com o outro (Bertão, 2008; Veiga, 2009) e o desenvolvimento físico, psicológico e social do sujeito depende efetivamente do funcionamento dos grupos (Osorio, 1986), sendo que em grupo qualquer pessoa se pode tornar num auxiliar terapêutico de outra, através do encontro que se constitui como a empatia entre os membros de um determinado grupo (Dreyfus, 1980). Neste sentido, a metodologia sociodramática assume uma função fulcral no desenvolvimento dos indivíduos, nomeadamente dos Educadores Sociais, ao permitir, entre outras coisas, que estes se tornem mais críticos, empáticos, reflexivos, que se conheçam a si próprios e tenham consciência da sua responsabilidade na relação com os outros, já que as suas intervenções dependem da relação que criam com as pessoas, daquilo que são enquanto pessoas e das suas formações humanas (Veiga, 2009).

O presente artigo tem por base a análise, reflexão e cruzamento de testemunhos e vivências dos diários de bordo dos autores elaborados no âmbito das unidades curriculares, do curso de Educação Social da Escola Superior de Educação do Porto (ESEP), nas quais se inclui a vertente prática associada à metodologia sociodramática, designadamente *Formação Pessoal e Social*, no 2.º ano de formação e *Sociodrama em Educação Social*, no 3.º ano de formação. A partir da vivência da metodologia sociodramática ao longo de dois anos e das reflexões tecidas no final de cada sessão e de cada ano lectivo, registadas em quatro diários de bordo, iremos debruçar-nos sobre a contribuição da metodologia sociodramática no desenvolvimento pessoal, social e profissional dos Educadores Sociais. Ressalve-se que a vivência desta metodologia é singular e não normativa, não podendo por isso generalizar-se a todos os elementos que a vivenciam.

1. A IMPORTÂNCIA DA DIMENSÃO PESSOAL NA FORMAÇÃO DO EDUCADOR

A dimensão pessoal do educador, mencionada por Freud (Franco, 1999) como uma das profissões impossíveis, constitui-se como um processo conflitual

e uma tarefa em permanente construção. Embora procure constantemente um equilíbrio, confronta-se, frequentemente, com a regressão e a instabilidade ao constituir-se como “(...) um processo de construção e desconstrução do conhecimento em que o estar perante si mesmo e o estar na presença do outro se complementam permanentemente.” (Franco, 1999, p. 161). Assim, o educador e o educando estão em interação contínua, não só ao nível dos comportamentos manifestos mas também latentes, conscientes e inconscientes, a que o educador não tem acesso. Neste sentido, e assumindo uma perspetiva de educação não neutra, isto é, uma educação que não é apolítica nem desprovida de valores subjetivos, a auto-imagem e a auto-estima do educador, os seus mecanismos de defesa, a sua maturidade afectiva e experiência pessoal são decisivos na relação desenvolvida com as pessoas com as quais trabalha (Franco, 1999).

A situação educativa, interpessoal e subjetiva, pressupõe o estabelecimento de uma relação que coloca em causa a identidade e personalidade do educador. O educador envolve-se de forma inteira e a sua história pessoal, em constante construção, é trazida para a relação estabelecida com os seus educandos. A sua estrutura e organização internas - o seu mundo interno, o seu desenvolvimento pessoal, social e profissional, a forma como vivenciou e organizou as suas experiências - influenciam o exercício da sua profissão. É necessário não esquecer que este profissional vive, sente e expressa-se como todos os outros indivíduos, embora com maior responsabilidade e intencionalidade educativa. Também ele é sujeito que está em mudança e em acção e a compreensão dos seus afetos deve passar pela possibilidade de se perceber a nível interno. Para além disso, define-se enquanto indivíduo singular, com história e vivências únicas. Apenas a sua condição de educador o diferencia dos restantes indivíduos e lhe confere responsabilidades sobre o desenvolvimento do outro (Franco, 2004). No entanto, tal como refere Nóvoa (Franco, 2004) a propósito da profissão de professor, o profissional é pessoa e parte relevante da pessoa é a dimensão profissional.

Nesta linha de pensamento, Mauco (1978) reforça a importância da formação do educador contemplar um autoconhecimento profundo, nomeadamente dos seus afetos, desejos e fantasmas. Além disso, deve ser capaz de dominar os seus problemas pessoais, reconhecer as contratransferências, promovendo, deste modo, uma relação educativa saudável, prevenindo o desenvolvimento de diversas situações de risco de uma relação perturbada. Dado que o objetivo primordial de um educador é o desenvolvimento de uma intervenção que permita a libertação das pessoas e o seu desenvolvimento pessoal e social saudável e equilibrado, designadamente a nível relacional, é crucial desenvolver uma relação autêntica, em função das necessidades reais dos educandos e não com o intuito de satisfazer as necessidades afetivas conscientes ou inconscientes do educador. Isto só é possível através do conhecimento de si próprio, especialmente das suas limitações e motivações, tornando-se num educador comprometido e responsável na relação que desenvolve com os sujeitos, que deverá ser uma relação equilibrada e pautada por uma determinada distância ótima,

permitindo ao profissional conhecer os limites da sua intervenção e do seu envolvimento. Neste sentido, é importante que o educador “(...) se transforme num sujeito ativo e promotor do desenvolvimento, permitindo-lhe aprender a utilizar a sua personalidade como instrumento principal, tanto para se conhecer a si mesmo como para perceber o que se passa entre si e os outros” (Abraham, 1982 *in* Franco, 1999, pp. 163, 164). Assim, realça-se a relevância de uma formação que percepcione o profissional como um todo, não visando exclusivamente a componente intelectual, mas valorizando os aspectos relacionais e dinâmicos da situação educativa, desenvolvendo o seu autoconhecimento e a compreensão de si mesmo, uma vez que as opções metodológicas que este toma relacionam-se profundamente com o seu mundo interno e estrutura de personalidade (Franco, 1999), bem como com a forma como cada educador pode utilizar determinado método pedagógico “(...) ao serviço das suas próprias características pessoais e da personalidade, num contexto concreto, dinâmico e relacional” (Franco, 2004, p.14).

Ao pronunciar-se sobre as formas de formação, Vítor Franco (1999; 2004, p. 171) refere que “A formação psicológica não pode ter a pretensão de preparar superprofissionais, de se sobrepor aos outros tipos de formação ou reivindicar para si partes cada vez mais significativas das fatias curriculares, assim como não pode ter o receio de ser ocupada por outros saberes. Centrando-se sobre a pessoa, a personalidade e identidade do professor (ou educador) tem um lugar importante na preparação dos indivíduos, na formação do seu ‘ser’ de tal maneira que possa aproveitar ao máximo os recursos que a formação pedagógica coloca ao seu dispor.”. Esta formação desempenha um papel crucial ao permitir ao educador a tomada de consciência das suas interações e do valor dos compromissos entre a forma como olha o seu papel profissional e as suas tendências profundas, da forma como responde às necessidades das pessoas e às suas finalidades, ajudando-o a tornar claras as suas próprias emoções, características e reações, a compreender melhor o papel dos afetos e dos processos internos (Franco, 1999; 2004). Assim, é necessário que o educador se compreenda a si próprio, tendo em linha de conta a sua subjetividade e singularidade, as suas motivações e a construção dos seus conhecimentos e atos significativos (Franco, 2004) e promova a ligação entre a sua dimensão profissional e a sua história pessoal de modo a articular perspectivas de futuro e de mudança (Bertão *et al*, 1999, p. 199). Tal como referem Ferreira Alves e Oliveira (1996 *in* Franco, 2004), é a reflexão na e sobre a ação que permite o conhecimento das nossas próprias teorias pessoais e, neste sentido, o desenvolvimento do educador “(...) será um constante ‘escrever e reescrever’ da sua experiência, pelo que a formação deve começar pela pessoa” (p. 114).

Além disso, determinadas competências e capacidades, tais como empatia, diálogo, escuta ativa, entre outras, não se desenvolvem, por exemplo, a partir de uma leitura teórica, pelo que existe a necessidade um espaço “(...) forçosamente interactivo, onde seja possível exteriorizar afectos e pensamentos, a

revelação do Eu ao Outro através de palavras e de actos (...)” (Moita & Bertão, 1998, p. 109).

Deste modo, a dimensão pessoal assume-se como crucial na formação dos educadores em geral influenciando o desempenho do profissional. Nesta linha de pensamento, esta dimensão adquire uma importância fulcral na formação dos Educadores Sociais uma vez que as suas características e atitudes podem afetar a sua leitura da realidade e conduzir a uma intervenção desligada de um comprometimento ético e responsabilidade para com o desenvolvimento saudável dos indivíduos ou grupos, assente na autonomia, empoderamento, reflexão e questionamento crítico.

2. A EDUCAÇÃO SOCIAL E O SEU PROFISSIONAL

A Educação Social surge como uma área de intervenção emergente numa sociedade complexa e imprevisível onde se verifica o aparecimento de várias problemáticas sociais, como a exclusão social e a pobreza e se assume a consciência da responsabilidade da sociedade perante as mesmas (Carvalho & Baptista, 2004; Petrus, 1997). Com a emergência do Estado-Providência, as profissões do Trabalho Social foram alcançando a sua importância ao contribuir para o cumprimento dos objetivos do mesmo, isto é, um Estado que atenua as desigualdades sociais e assegura a integração social e política de todos os cidadãos (Veiga, 2009). Neste sentido, a Educação Social detém um papel fundamental de inserção e promoção dos direitos do Homem, da cidadania e da democracia.

A Pedagogia Social constitui-se como a “ciência matriz da educação social” (Carvalho & Baptista, 2004, p. 59), isto é, tem como objecto de estudo a Educação Social. É a dialética entre a teoria e a prática que assenta num olhar sobre a Educação Social onde se verifica uma complementaridade entre teoria e prática e reflexão e participação, funcionando como “saber profissional de referência dos educadores sociais” (Carvalho & Baptista, 2004, p. 59). Dado que a Educação Social é uma área de intervenção complexa que se suporta em diferentes áreas do saber, a Pedagogia Social integra esta diversidade de forma a “(...) construir modelos de intervenção adequados a uma realidade especialmente problemática e multidimensional” (Carvalho & Baptista, 2004, p. 59), flexíveis e construídos em função dos problemas que emergem da realidade social e não aplicados como receitas ou programas infalíveis.

A intervenção do educador tem um carácter educativo procurando desenvolver várias competências e capacidades nas pessoas. Neste sentido, a Educação Social emerge como uma “educação emancipatória, transformadora e transformativa que se afirma em ruptura com o registo assistencialista e parte de uma visão de um mundo que deseja ser mais igualitário, solidário, inclusivo e democrático, firmado no paradigma socio-crítico, e tendo por base a visão do ser humano capaz de se olhar e olhar o mundo de forma crítica e inconformada bem como de resolver os seus problemas, num quadro de valores necessaria-

mente inteligíveis e conscientes” (Timóteo, 2010, p. 18). Assim, a Educação Social deve procurar transformar os sujeitos, tornando-os questionadores, críticos, reflexivos e autores da sua vida, e adaptar-se/transformar-se para dar resposta aos problemas que vão emergindo na sociedade. O indivíduo é protagonista da intervenção uma vez que existe um trabalho com este (e não para este), para que se desenvolva, tornando-se num sujeito autónomo e capaz de decidir sobre a sua própria vida.

O Educador Social é, tal como outros profissionais da área social, um trabalhador social. (Veiga, 2009), detentor de uma identidade própria que o caracteriza e diferencia de outros profissionais do trabalho social. A sua formação, fulcral para aquilo que consideramos um desempenho positivo da sua profissão, assenta nas dimensões do saber (conhecimentos), saber fazer (técnicas de análise e intervenção social), saber ser e estar (atitudes e características da pessoa do educador) (Timóteo, 2010). Dado que a sua ação é fundamentalmente relacional, interativa e afetiva (Timóteo, 2010), esta última dimensão influencia e pode constranger a sua atividade profissional, já que “Enquanto pessoa, o educador traz consigo para a situação educativa a sua personalidade, história pessoal, temperamento, pensamentos e afectos” (Veiga, 2009, p. 49) o que afeta a forma como se relaciona com as pessoas bem como a sua leitura da realidade e desta forma, dissolvem-se as fronteiras entre o educador pessoa, profissional e ser social (Timóteo, 2010).

Como temos vindo a perceber, a identidade e o perfil do Educador Social dependem consideravelmente das dimensões pessoal e social. Assim sendo, não existirá um perfil padronizado, por isso, o que pretendemos é revelar o perfil de um Educador Social formado na ESEP. Segundo Veiga (2009, p.30), a “maioria dos autores considera o educador social, um profissional multifacetado com uma formação abrangente que pretende cobrir o apoio psicossocial, com forte intervenção cívica a que se junta uma vertente de animação”. Ou seja, existe uma formação que contempla áreas como a psicologia e a sociologia e, ao mesmo tempo, áreas como a animação comunitária e as várias expressões artísticas (plástica, musical, motora e dramática). O Educador Social apresenta-se como um profissional que trabalha com os indivíduos e os grupos, nas vertentes socio-profissionais, psicossociais e culturais considerando os seus contextos e o momento histórico, político e económico, e procura desenvolver “actividades que potenciem a minimização e resolução de problemas” bem como a prevenção dos mesmos (Azevedo, 2011, p. 36). Assim, o Educador Social surge como um “promotor de competências de integração social e profissional do indivíduo, valorizando a sua participação no grupo, na família e na comunidade, desenvolvendo competências pessoais, sociais e profissionais de integração do indivíduo, com vista a valorizar a sua participação no grupo, na família e na comunidade” (Azevedo, 2011, p. 36). Trata-se, acima de tudo, de um trabalho com o indivíduo/grupo no sentido do “desenvolvimento da responsabilização, da autonomia e da participação crítica, construtiva e trans-

formadora dos indivíduos” (Veiga, 2009, p. 30), tornando o sujeito autónomo e autor da sua vida.

Para além dos papéis que o Educador Social pode assumir na sua prática profissional – “actor, educador, mediador, mentor, técnico da relação, profissional de terreno e agente de mudança” (Veiga, 2009, p. 31) – também existem competências e características (Veiga & Correia, 2009) inerentes ao perfil do Educador Social. São elas: a capacidade crítica e reflexiva, a capacidade empática, a capacidade de relacionamento interpessoal, a observação e escuta ativa, as competências organizativas e as capacidades de cooperação, diálogo, negociação e de iniciativa, assim como ter uma atitude de compreensão e de respeito para com o Outro.

O Educador Social deve ainda ter consciência das suas capacidades e limitações – ter capacidade autocrítica – no sentido de conseguir observar aspectos onde pode melhorar a sua prática. Desta forma, “ser Educador Social é questionar práticas e reflectir sobre o seu próprio papel profissional, ser capaz de se aproximar do seu educando e de lhe conferir um destaque legítimo na construção do seu percurso de vida, valorizando as suas capacidades de aprender a ser, fazer e estar com os outros e valorizando as suas capacidades de aprender a aprender” (Azevedo, 2011, p. 37). A par da capacidade autocrítica, podemos ainda referir a formação contínua que contribui para a melhoria da prática deste profissional. Segundo Carvalho e Baptista (2004, p. 87), a “formação contínua é decisiva para que a prática do educador social evolua de acordo com a sensibilidade das situações e dos desafios que sucessivamente se vão colocando”. Trata-se, acima de tudo, de ser curioso, de partilhar ideias, evoluir e autopromover-se como um educador em transformação.

A formação na ESEP centra-se na experiência única de cada estudante, para que este seja capaz de olhar crítica e reflexivamente a realidade social, enformado por valores éticos. Unidades curriculares como *Seminário de Dinâmica de Grupo, Formação Pessoal e Social* e *Sociodrama em Educação Social* fazem parte de um núcleo de formação disciplinar que releva o crescimento psico-afetivo dos futuros Educadores Sociais enquanto potenciador do desenvolvimento de uma maior consciencialização dos fenómenos afetivos e grupais (Bertão *et al*, 2006 *in* Timóteo, 2010). Neste sentido, pretende-se que o futuro Educador Social se transforme num “actor consciente das suas responsabilidades na relação que desenvolve com os sujeitos” (Timóteo, 2010, p.35), que se conhece a si próprio e é capaz de identificar os seus desejos, motivações e resistências.

3. SOCIODRAMA E EDUCAÇÃO SOCIAL

De acordo com Drummond e Souza (2008), se desconstruirmos a palavra Sociodrama temos “sócio” que vem de social e “drama” que significa ação, ou seja, o grupo em ação. Assim, o Sociodrama consiste numa terapêutica de grupos naturais, isto é, que comumente convivem entre si, onde são trabalhados papéis sociais, profissionais e culturais que o sujeito desempenha e partilha no seu

quotidiano (Soeiro, 1991; Valcarce, 1995). Jacob Levi Moreno (1997), criador do Psicodrama, do Sociodrama e da Sociometria, reconhece que o homem é um intérprete de papéis, e que se caracteriza por um determinado grupo de papéis que influencia o seu comportamento, alertando que qualquer cultura impõe um conjunto de papéis aos seus membros, cujo êxito poderá variar.

O Sociodrama é um método de ação profunda que se centra nas relações intergrupais e nas ideologias coletivas (Moreno, 1997) e, por isso, o seu objetivo é o próprio grupo, tentando-se resolver os conflitos interpessoais (Abreu, 2002). À resolução dos conflitos interpessoais está inerente a procura de criatividade na medida em que cada pessoa deve refletir sobre as suas ações para as poder transformar (Drummond & Sousa, 2008).

O Sociodrama, tal como o Psicodrama, é composto por cinco instrumentos: o Protagonista, elemento do auditório que assume maior relevância na fase de aquecimento, através da partilha de vivências com o grupo e que vai representar o problema comum (Veiga, 2009); o Diretor, responsável pelo processo e tomada das decisões importantes, em colaboração com os egos auxiliares (Abreu, 2006); o Ego-Auxiliar, que faz parte da unidade funcional, em conjunto com o diretor e assume três funções: ator, agente terapêutico, e investigador social (Moreno, 1997); o Auditório, formado pelos elementos que, durante a dramatização, se encontram sentados em semicírculo, sendo que no final da dramatização, estes são convidados a partilhar emoções, opiniões e vivências (Abreu, 2006; Veiga, 2009); e o cenário/palco que se constitui como “(...) um espaço vivencial, multidimensional e adaptável onde se desenrola a ação, comandada pelo protagonista e pelo director.” (Veiga, 2009, p. 127). No cenário, os elementos do auditório dispõem-se em semicírculo de frente para o diretor. O diretor possui duas cadeiras unidas por um dos cantos que simbolizam a abertura e fecho das cortinas num palco.

Cada sessão de Sociodrama é constituída por três fases, designadamente aquecimento inespecífico e específico, dramatização e comentários finais. No aquecimento prepara-se o ambiente da sessão, emerge um tema e um protagonista, procurando-se atingir o maior nível de espontaneidade possível (Osorio, 1986). A passagem do aquecimento inespecífico para o específico ocorre quando se levanta uma questão que desperta a atenção do grupo e sobre a qual se vai debruçar a sessão, preparando-se a dramatização (Veiga, 2009). Por sua vez, a dramatização tem lugar quando o diretor, num movimento simbólico, abre as cadeiras e convida o protagonista para vir para o palco, para que neste espaço o protagonista possa reconstituir o contexto da sua vivência, tornando-o observável (Abreu, 2006). Nesta fase, o diretor pode recorrer a diversas técnicas sociodramáticas, como por exemplo o *role playing* que permite a representação de um papel que se teme (Abreu, 2006, p.47) ou que ainda se encontra em desenvolvimento e é frequentemente mal desempenhado (Veiga, 2009). Quando o diretor anuncia o final da representação, através de um movimento simbólico de fechamento das cadeiras, inicia-se a fase dos comentários finais. De acordo

com a seguinte ordem, protagonista, auditório, egos auxiliares e diretor, todos se pronunciam em relação à sessão. O diretor faz uma síntese da sessão e tendo em conta um referencial teórico, levanta alternativas e dá por terminada a sessão.

Doravante iremos debruçar-nos sobre a importância do Sociodrama na formação do Educador Social. Contudo, ressalva-se que, mediante uma formação na Sociedade Portuguesa de Psicodrama, o Educador Social poderá utilizar este método na sua intervenção preventiva e interventiva. O Sociodrama surge assim como potenciador da transformação social podendo ser utilizado com grupos marcados, por exemplo, por conflitos que, aliado a uma Educação Social transformadora e transformativa fazem uma excelente “equipa” na intervenção sobre a realidade social.

No que diz respeito à formação inicial do Educador Social, o Sociodrama permite que este aprofunde o auto e hetero-conhecimento, desenvolva a capacidade empática, de escuta ativa, de observação, reflexão e o posicionamento crítico de si, dos outros e do mundo bem como a capacidade de criar e recriar, num movimento entre o real e imaginário, o ideal e o possível, o Eu e o Outro, o espaço público e privado. É o palco de reflexão e criação, por excelência (Bertão, 2008) permitindo a harmonia entre o conhecimento e a experiência e a transformação pessoal e social, possibilitando ao Educador Social tornar-se agente ativo, consciente e crítico de si próprio e do conhecimento que constrói com os sujeitos com os quais desenvolve a sua prática (Veiga, 2008).

O Sociodrama possibilita assim o desenvolvimento da espontaneidade e criatividade do Educador Social, fatores referidos por Moreno como “guardiães de fenómenos psíquicos flexíveis e criadores” (Bertão, 2008, p. 10) e apontados por Puttini e Lima (1997) como centrais no desenvolvimento pessoal e da relação com os outros. O ser humano, segundo Moreno, possui a qualidade inata e ilimitada de criação e espontaneidade. A espontaneidade, à qual está associada a criatividade (Ribeiro, 2004), consiste assim na capacidade de o indivíduo responder adequadamente perante situações novas ou diante de situações antigas responder de forma inovadora e adequada (Moreno, 1997). A espontaneidade é muitas vezes inibida e pouco desenvolvida no quotidiano (Diniz, 1995; Veiga, 2009) mas pode ser treinada, nomeadamente através do Sociodrama, possibilitando ao indivíduo uma ação flexível, adaptativa e coerente perante os acontecimentos da sua vida (Veiga, 2009), emergindo assim como “factor agregador, diferenciador e adaptativo do sujeito” (Bertão, 2008, p. 11).

Sendo um espaço de partilha e reflexão por excelência possibilitando a empatia, a capacidade de se abrir à diferença do outro e respeitá-la, de o escutar ativamente, de com ele cooperar e trabalhar, o Sociodrama incentiva à ação, permitindo a reflexão que conduz à mesma. No fundo, trata-se de despertar a vontade de participar, de construir, de criar, de ter um papel ativo quer enquanto futuro profissional, quer no rumo da vida de cada um e na vida em sociedade. E porque participar implica necessariamente o desenvolvimento de papéis, o Sociodrama permite-nos experimentá-los e desenvolvê-los, num espaço onde a

tentativa - erro assume especial importância: a mesma cena poderá ser repetida vezes sem conta. E, num como se, característico das brincadeiras de crianças, somos convidados a desenvolver a nossa espontaneidade, tornando-nos reflexivos, críticos e mais capazes de responder criativa e ajustadamente aos problemas e obstáculos da realidade social. O palco torna-se assim parte da realidade, o qual deve ser entendido num duplo sentido: o palco interno, pois no nosso mundo interno somos sempre protagonistas e, ao encontrar afinidades com o que está a ser dramatizado, transpomos determinada situação para a nossa realidade específica, colocando-nos no lugar em questão; e o palco externo, para o qual trazemos o nosso quotidiano – vivências, pensamentos, entre outros – e, simultaneamente, no qual desenvolvemos papéis que passam a integrar o nosso quotidiano.

4. UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO

Tal como já foi enunciado anteriormente, enquanto discentes da licenciatura em Educação Social na ESEP tivemos a oportunidade de vivenciar a experiência sociodramática através da frequência e participação nas Unidades Curriculares *Formação Pessoal e Social* e *Sociodrama em Educação Social*. Com base na análise e reflexão dos diários de bordo elaborados no âmbito das referidas unidades curriculares, bem como na vivência da metodologia sociodramática durante dois anos, apresentaremos de seguida as principais reflexões que decorrem deste processo.

Inicialmente, esta experiência foi vivenciada de uma forma hesitante, com alguma estranheza e receio, uma vez que se tratava de uma metodologia desconhecida até então. Este receio pode ser considerado um constrangimento, contudo, pensamos que o desconhecido pode, e deve, ser investigável, o medo transformado em motivação, e, uma vez que cada elemento é único nas suas características pessoais, consideramos que uns têm mais à-vontade do que outros para partir para esta aventura.

De facto, percebemos o Sociodrama como uma viagem, uma aventura que nos proporciona, tanto individualmente como em grupo, uma evolução pessoal e social fascinante. Mais interessante ainda é, para além de vivenciar o presente, podermos reviver situações do passado, que muitas vezes ficaram mal revolidas, bloqueando uma determinada ação futura bem como projetar-nos no futuro, encontrando um possível rumo para o mesmo. São estratégias que nos podem ajudar a perceber o que nos falta para chegarmos aos objetivos a que nos propomos.

Apesar de o grupo sociodramático ser constituído por elementos que pertencem à turma, percebemos que por razões de personalidade, de vivências e experiências anteriores menos positivas, nem sempre é fácil o convívio com os mesmos. É aqui que este espaço desempenha uma função fulcral de favorecimento do auto e heteroconhecimento. É o espaço ideal para que os vários elementos se conheçam melhor, interajam e até ultrapassem qualquer divergência

que haja entre si, aprendendo a (con)viver juntos. Assim sendo, as primeiras sessões contribuíram em larga medida para uma aproximação, uma coesão entre os vários elementos da turma acabando por promover uma boa relação entre os mesmos. Isto não significa que todos os elementos têm de manter relações de proximidade entre si no exterior das sessões mas sim que, naquele espaço concreto, partilhamos um objetivo comum de desenvolvimento pelo que devemos trabalhar em conjunto e respeitar-nos mutuamente.

A disposição do auditório em círculo poderá criar um ambiente de inibição e timidez. Ora, pretende-se que durante as sessões os elementos do grupo se libertem de forma a poderem participar livremente, a exporem as suas ideias, sem qualquer constrangimento, a partilharem reflexões, de modo a enriquecer a sessão. A exploração de características pessoais é possível nas sessões de Sociodrama e, em boa medida, contribui, não só para a evolução pessoal, mas também para a coesão grupal, principalmente quando estas se mostram como um entrave para a relação entre os elementos do grupo.

As sessões de Sociodrama proporcionam momentos de reflexão, partilha, questionamento e exploração de assuntos ao nível pessoal e grupal. Em diversos momentos refletimos sobre os nossos objetivos de vida, situações do quotidiano e experiências pessoais. Tal como já referimos, o tema da sessão é habitualmente trazido pelo grupo, o que se torna uma mais-valia. É aqui que reside a importância destas sessões, pois é interessante refletirmos sobre as experiências pessoais e/ou profissionais dos outros elementos do grupo. O que nos pode trazer de novo? Que reflexões? Que contributos? Para além de nos identificarmos com as experiências dos outros, estas trazem-nos novas formas de ver e lidar com a realidade; o questionamento e a reflexão em grupo sobre determinados temas ou questões podem contribuir para a crítica e transformação das práticas de cada um; a partilha de uma experiência vivida por um elemento do grupo poderá permitir uma identificação pessoal com a mesma e também encontrar estratégias e/ou alternativas para ultrapassar obstáculos – trata-se de alargar o nosso repertório das formas de lidar com diversas situações do nosso quotidiano.

Para que esta partilha aconteça, o grupo tem um papel fundamental: terá que estar disponível, ser sensível e promover esta partilha. Como já referimos, por vezes, é difícil de separar os contextos sessão – extra sessão, contudo, não é impossível e cabe a cada elemento do grupo ser flexível, estar disponível para ouvir o Outro e respeitar a sua opinião. Tudo isto contribui para um ambiente de partilha e para a evolução enquanto pessoa e profissional da Educação Social. É importante ainda salientar que quando partilhamos algo é passível de ser alvo de crítica, questionamento ou discórdia, pelo que é natural que sintamos algum receio ou medo de o expor devido às interpretações que o Outro possa fazer. Contudo, este sentimento é natural e poderá transformar-se em algo positivo, uma vez que vai de encontro ao debate de ideias e contribui para a evolução pessoal, social e profissional do sujeito. Além disso, é importante darmos um passo em frente e não esperar que o Outro também o faça, pelo que devemos

aprender a salientar os aspectos positivos, como forma de reforço positivo para os sujeitos.

Este aspecto leva-nos a pensar sobre a nossa postura individual e em grupo e, neste sentido, procurarmos refletir sobre a cooperação, responsabilidade, pro-actividade, participação, envolvimento e implicação, assim como a cedência face ao grupo. Enquanto pessoas e profissionais não nos podemos esquecer que nunca vivemos sozinhos, mas sim em sociedade.

Desta forma, o Sociodrama tem como principal objectivo o crescimento pessoal e do grupo, pelo que é a partir do grupo que o indivíduo trabalha as suas características pessoais, os seus medos/receios e reflete sobre as suas práticas, contribuindo para o processo de desenvolvimento pessoal e social, de capacidades e competências, de cooperação, de confiança, de sentimento de pertença e união ao grupo no qual estamos integrados.

Trata-se, acima de tudo, de uma aventura, na qual cada pessoa se integra e entrega, dando o seu contributo para que esta se desenvolva e possa ser rentabilizada ao máximo. É também uma viagem num tapete mágico onde cada sujeito se transforma – aprende, reflete, questiona, participa, implica, dialoga, põe em prática a sua criatividade e espontaneidade – e vai saltando de palco em palco (diferentes contextos/temas) à procura de rentabilizar a sua experiência. É assim um espaço de trabalho, uma oportunidade para a evolução e transformação, um grande desafio para qualquer pessoa.

CONCLUSÃO

A dimensão pessoal é fundamental na formação de um educador, uma vez que educar implica o estabelecimento de uma relação que é influenciada por aquilo que o educador é enquanto pessoa. Especificamente, no que diz respeito ao Educador Social, a sua identidade e perfil dependem, em grande medida, da dimensão pessoal e social, razões pelas quais se torna imprescindível uma formação que vise o crescimento psico-afetivo, já que este não é possível, por exemplo, a partir de uma leitura teórica.

A vivência da metodologia sociodramática constitui-se como uma experiência singular e subjetiva, podendo legitimamente ser perspectivada de formas distintas pelos diversos elementos que a frequentam. Não obstante, as experiências e reflexões que esta metodologia proporciona, contribuem em larga medida para o desenvolvimento pessoal, social e profissional de qualquer educador, preparando-o para os desafios que a sua intervenção lhe poderá colocar. Além disso, as competências e capacidades que o Sociodrama permite desenvolver, nomeadamente a empatia, escuta ativa, diálogo, reflexão, questionamento crítico, flexibilidade, auto e heteroconhecimento, coincidem com as que fazem parte do perfil do Educador Social. Assim, ao se conhecer melhor a si próprio e olhar crítica e reflexivamente a realidade social, o futuro educador será capaz de assegurar uma intervenção mais ajustada e comprometida com o desenvolvimento saudável dos indivíduos.

Mais, nas sessões de Sociodrama o palco torna-se parte da realidade, uma vez que permite ao sujeito vivenciar situações reais e desempenhar vários papéis, permitindo o desenvolvimento da espontaneidade e criatividade. Neste sentido, o Sociodrama constitui-se como um espaço privilegiado para o treino do papel profissional do Educador Social.

Face ao exposto, e não descurando a componente intelectual, indispensável na formação de qualquer educador, realça-se aqui a importância de uma formação que percepcione o indivíduo como um todo, simultaneamente pessoa e profissional. Uma formação que permita aos futuros Educadores Sociais a vivência de um espaço de transformação, de evolução, de crescimento psico-afetivo onde o Sociodrama assume um papel de excelência.

BIBLIOGRAFIA

- Abreu, J. L. P. (2006). *O Modelo do Psicodrama Moreniano*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Abreu, J. P., (2002). *O Modelo do Psicodrama Moreniano*. Coimbra: Imprensa de Coimbra.
- Azevedo, S. (2011). *Técnicos Superiores de Educação Social. Necessidade e Pertinência de um Estatuto Profissional*. Porto: Fronteira do Caos Editores.
- Bertão, A. M. (2008). *Eu e o Outro ou o Encontro comigo na cadeira do Outro: Processos Identificatórios e Mudança*. Texto integral da lição da candidatura ao concurso de provas públicas para provimento de uma vaga de professor-coordenador do quadro da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto, na área científica de Psicologia, na especialidade de Psicologia Clínica, Social e Comunitária (texto não publicado).
- Bertão, A. M.; Ferreira, M. S.; Santos, M. R. dos (1999) (Org). *Pensar a Escola sob os Olhares da Psicologia*. Porto: Edições Afrontamento.
- Carvalho, A.; Baptista, I.(2004). *Educação Social. Fundamentos e estratégias*. Porto: Porto Editora.
- Diniz, G. (1995). *Psicodrama pedagógico e teatro/educação*. São Paulo: Ícone.
- Dreyfus, C. (1980). *Psicoterapias de grupo*. Lisboa: Verbo Editora.
- Drummond, J.; Souza, A. C. de (2008). *Sociodrama nas organizações*. São Paulo: Ágora.
- Franco, V. (1999). Formação possível para uma profissão impossível. O professor e a sua formação psicológica. In Bertão, A. M.; Ferreira, M. S.; Santos, M. R. dos (1999) (Org). *Pensar a Escola sob os Olhares da Psicologia*. Porto: Edições Afrontamento.
- Franco, V. (2004). *Os Ursos de Peluche do Professor. Psicanálise, Educação e Valor Transaccional dos Meios Educativos*. Porto: Edições Afrontamento.
- Mauco, G. (1978). *Psicanálise e Educação*. Lisboa: Moraes Editores.
- Moita, G.; Bertão, A. (1998). Uma experiência educativa rumo à espontaneidade. *Revista da Sociedade Portuguesa de Psicodrama*, 5, pp. 107-118, Edições Afrontamento.
- Moreno, J. L. (1997). *Psicodrama*. São Paulo: Cultrix.
- Osorio, L. C. (1986). *GrupoterapiaHoje*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Petrus, A. (1997) (Coord). *Pedagogía Social*. Barcelona: Editorial Ariel.
- Puttini, E.; Lima, L. (Org.) (1997). *Ações educativas. Vivências com psicodrama na prática pedagógica*. São Paulo: Ágora.
- Ribeiro, M. (2004). *Quando o corpo toma a palavra. A expressão corporal em contexto psicodramático*. Dissertação de Mestrado não publicada, Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra.
- Soeiro, A. (1991). *Psicodrama e psicoterapia*. Lisboa: Escher.
- Timóteo, I. (2010). *Educação Social e Relação de Ajuda. Representações dos Educadores Sociais sobre as suas práticas*. Tese de mestrado não publicada. Universidade de Évora.

- Valcarce, P. (1995). Teoría del sociodrama familiar. *Informaciones Psiquiátricas*, 140, 2º trimestre. Retirado em 18 de Setembro de 2012 de <http://www.psicodrama.info/drama1a.html>.
- Veiga, S. (2008). Sociodrama: um espaço de refúgio, liberdade e criatividade! Contributos da metodologia sociodramática na formação dos Educadores Sociais. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 16 (2), pp. 87-100.
- Veiga, S. (2009). *Palcos de Conhecimento. Espaços de Transformação. Contributos da metodologia sociodramática para a formação dos Educadores Sociais*. Tese de Doutoramento não publicada. Universidade de Évora.
- Veiga, S.; Correia, F. (2009). O Perfil do Educador Social. *Revista Espaço S – Revista de Investigação e Intervenção Social do ISCE*, 2.ª série, 3, pp. 55-64. Edições Pedagogo.